



**FLOR**  
**&**  
**FOGO**

Fresi

## FLOR E FOGO

Pés pequenos  
Passeando nas campinas,  
Vê-se alegria  
Em tudo o que toca,  
E brinca, e salta,  
E cai, e chora.  
...E volta, e senta,  
Respira, e volta.  
Pés ligeiros  
Sem pensar em sua sina,  
Vira e revira  
Mil folhas no chão,  
Sob o antigo azul  
E a branca tão fina,  
Renova a matina  
E revive estação.

Bem ali,  
Lá no alto da colina  
Passando se vê  
As centenas de cores,  
Excepcionais  
Em amados amores,  
Passeando e buscando  
Em paz suas flores.  
Na vida simplória  
Das cores dali,  
Se acha a glória,  
Sem mais, sem ir,  
No pequeno privilégio  
Do puro existir  
No grande transforma  
O simples sorrir.

Mãos atentas  
Rabiscando nas paredes  
As trilhas dos rios  
Que cortam a terra,

As cores do céu  
Que no sol se encerra,  
O brilho luar  
Que na noite trafega,  
O alado plumado  
Pousado na pedra.  
Mãos vazias  
Mas vazias brevemente,  
Se molha de tinta  
E pinta a mente  
Colore o passado,  
Inventa o presente,  
Sem ver o futuro  
Sem cor,  
Iminente.

Das nuvens que mandam  
As bênçãos em gotas,  
Que sopra a vida  
Ao barro do seco solo,  
Que frutifica raízes

Que levam seu lar no colo  
E ilumina as matrizes  
De seu ser e de seus povos,  
Desce veloz,  
Como ave de rapina  
Malévola malícia  
De índole assassina,  
Explodindo as cores  
No alto da colina  
Obrigando a restar  
Ao todo, ruína.

As paredes desmoronam  
Sob o ancião céu,  
Fogo brota das raízes  
Cobre a terra como um véu.  
O silêncio reinante,  
Ao fim de cada explosão  
Grita por ajuda,  
Sem qualquer rota de fuga  
Transpassa seu desespero

Ao ver sangue  
Banhando o chão  
O medo instaurado  
Em meio ao chumbo cruzado,  
Apodrece a mente,  
Completo e desesperançado.  
E lá se vai outro inocente  
Que pulou com o olho fechado.

Mãos atentas  
Respingando o pôr do sol,  
Cursa as trilhas tortuosas  
Que cortam pelas trincheiras,  
Tendo a luz testemunha  
De suas duras pelejas  
Abrindo-se ao luar,  
Escondendo-se quando sombreia.  
Mãos pintadas da cor  
Da vida do animal,  
Vagueiam sem rumo  
Fugindo do temporal,  
Cada gota avassala a terra,

Nada tem de natural  
Procurando meramente  
Onde fica o ponto final.

Pés ligeiros  
Descalçados nas campinas  
Cansados de correr  
Por horas e horas;  
Senta, é ferido,  
E cai, e chora.  
Não volta, não senta,  
Não respira, não volta...  
Pés pequenos  
Que já não tem mais uma sina  
Deitado, parado,  
Imóvel no chão,  
Sob o mesmo azul  
E as nuvens tão cinzas  
Que choram de dor  
A cada explosão.